

Zelito

o gato detetive

Lisiane Pereira de Jesus



parana



Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira – IHGMT

Renilson Rosa Ribeiro – UFSCar

Nileide Souza Dourado – NDIHR/UFMT

Mairon Escorsi Valério – Usp

Nauk Maria de Jesus – UFGD

Luís César Castrillon Mendes – UFR

Wilma de Nazaré Baía Coelho – UFPA

Márcia Elisa Tete Ramos – UEM

Wílian Junior Bonete – UFPEL

Juliana Alves de Andrade – UFRPE

Margarida Dias – UFRN

Lisiane Pereira de Jesus

Zelito

o gato detetive



paruna

Cuiabá, 2026

© Lisiane Pereira de Jesus, 2026.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa dos organizadores (art. 184 do Código Penal e Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

As opiniões, interpretações e conclusões expressas neste material são de responsabilidade exclusiva da autora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

J58 JESUS, Lisiane Pereira de.

Zelito – o gato detetive / Lisiane Pereira de Jesus. – Cuiabá/MT, 2026.

53 p.

ISBN: 978-65-85106-77-1

1. Literatura. 2. Infanto-juvenil 3. Cultura. 4. Cuiabá. I. Título.

CDD: 869.8998172

CDU: 390.098172



Revisão e Normalização Textual:

Paruna Editora

Capa e edição:

Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editora

Projeto gráfico e diagramação:

David Castele

Ilustração da Capa:

Julia de Jesus Colvara

Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – sala 03 – Vila Monumento – CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

Contato: 11 97958-9312 | parunaeditorial@gmail.com | www.paruna.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

OS gatos do casarão ... 07

CAPÍTULO II

O caso do sumigo do furrundú ... 12

CAPÍTULO III

O caso do tesouro perdido ... 20

CAPÍTULO IV

O caso da carta extraviada ... 31

CAPÍTULO V

O caso do fantasma do casarão ... 39

Do real ao imaginário ... 48

Glossário ... 49

Sobre os personagens ... 50

Sobre o livro ... 52



CAPÍTULO I

OS gatos do casarão



O Beco do Candeeiro era uma viela estreita sem saída, dentre muitas, bem comuns em bairros da periferia das grandes cidades, e nossa história começa ali, no casarão abandonado, no final do beco, onde uma gata tigrada magricela chamada Ponguinha acabara de dar a luz a cinco filhotes, tão de rua quanto ela. Nasceu um pretinho, um bege, um frajola (preto e branco) e dois tigrados com branco que, como a mãe, não tinham dono, nem tutor, nem responsáveis pelo seu bem-estar, apenas um casarão abandonado como abrigo e a liberdade que todo gato de rua tem por direito.

Ponguinha lambeu cuidadosamente um por um dos seus filhotes, limpando cada partezinha daqueles corpinhos minúsculos e melecados, porque é assim que as mães felinas fazem quando seus gatinhos nascem.

— *Slep, slep, slep...* lambeu o tigrado com branco que, depois de limpinho tratou de mamar. Mamou tão afoito que deixou escorrer uma gota de leite pelo canto da boca então, a mamãe gata o chamou de **Migalha**.

— *Slep, slep, slep...* lambeu o outro tigrado com branco que, mesmo depois de bem limpinho, nos olhos, uma remelinha insistia em permanecer e, por isso, ela o chamou de **Remela**.

— *Slep, slep, slep...* lambeu o bege, que era fêmea que, depois de limpinha, fofinha afastou delicadamente o irmãozinho preto com a patinha e garantiu o seu lugar de fornecimento de leite da mamãe e, por isso, ela a chamou de **Lady**.

— *Slep, slep, slep....* lambeu o frajola que estava dormindo alheio a toda guerra pelo leite, era o menorzinho e esse, ela chamou de **Gatito**.

— *Slep, slep, slep....* faltou o pretinho macho, que não desgrudou da teta da mãe nem para tomar o banho de língua e, quase já sem idéia para colocar nome em filhote, ela decidiu chamar o esfomeado de **Zelito**.

Os filhotes cresceram no casarão, cercados pelo amor da mãe gata. Tinham uma casa que mais parecia um castelo, com dois andares e muitos cômodos vazios, muitos cantos para se esconder e brincar. Era um lugar seguro, cercado por um muro e portões com grades, por onde só os gatos conseguiam passar. Do portão até a porta do casarão havia um mato alto que tornava o lugar ainda mais protegido de qualquer humano invasor, porque ninguém iria se arriscar a atravessar aquele matagal repleto de cobras e escorpiões. De vez em quando, uns moleques apareciam por ali e, os mais espertos, davam conta de atravessar o mato sem nenhum arranhão. Mas, entrar na casa era outra história, pois a madeira velha das portas e janelas, apesar de desgastadas pelo tempo, ainda eram bem resistentes e não cediam ao forcejamento dos molequinhos franzinos. Para entrar, só por uma fresta na janela do andar de cima e lá, só mesmo sendo um gato para chegar.

Então, ali os gatos passavam a vida tranquilos, cresciam sob os cuidados da mãe e com certa liberdade para passear e explorar as redondezas. Gatinhos crescem rápido e esses, em dois meses, já estavam espertos e maiores que uma beringela. Mais seis meses e já seriam adultos e, como a mãe gata, já sabiam revirar latas de lixo em busca de comida e caçar passarinhos e camundongos. Vez em quando comiam a ração que alguns vizinhos deixavam em pratos de isopor na calçada, mas não era sempre, se chegassem tarde, algum outro gato já tinha enchido a pança e restavam só migalhas.

Zelito e os irmãos cresceram juntos, o que não era comum nas famílias de gatos de rua que, uma vez crescidos, cada um costumava partir e se aventurar por outros caminhos sozinhos. Porém, ali no Beco do Candeeiro era um bom lugar, longe do movimento estridente dos carros e das pessoas passando para lá e para cá. Beco é uma rua sem saída e, a menos que você quisesse chegar ao casarão abandonado, não tinha por que passar por ali. Na vizinhança também não tinha

muito movimento, apenas a casa pequenina de Dona Eulália, que era viúva e morava sozinha, na verdade, sozinha, sozinha não, mas com seus dois cachorrinhos, **Peralta** e **Mequetrefe**, que eram muito simpáticos e animados e, vez ou outra atravessavam o matagal para brincar com Zelito e seus irmãos.

— *Vamooxxx brincar?! –* dizia o Peralta com a bolinha de borracha entre os dentes.

Migalha e Remela eram sempre os mais animados e nunca recusavam uma boa brincadeira. Lady estava sempre muito preocupada em tomar seu banho de língua e manter os pelos sempre muito alinhados, por isso, vaidosa, não costumava participar dessas brincadeiras para não se sujar. Gatito era mau-humorado e preferia passar as tardes sobre o telhado tomando sol e tirando longos cochilos. Zelito era um gato estudado, lia muitos livros velhos que estavam espalhados no chão de um dos quartos do casarão, mas, vez ou outra, arrumava tempo para brincar com os amigos.

Os gatos e os dois cachorros davam voltas ao redor do casarão com aquela bolinha rolando para cá e para lá, parecia uma brincadeira boba mas eles se divertiam para valer, quase como aqueles moleques que corriam atrás da bola no campinho de futebol da rua de trás.

Depois de brincar, cansados de tanta diversão e correria, se jogavam largados nas escadas que davam acesso à porta dos fundos do casarão.

— *Afff!* Acho que estou precisando perder um pouquinho de peso. – disse Mequetrefe arfando, enquanto rolava no chão mostrando a barriga roliça.

Se ao menos parasse de beliscar todos os petiscos que Dona Eulália oferecia enquanto estava na mesa não estaria tão gordo. A Dona Eulália era uma cozinheira de mão cheia, seus quitutes eram muito conhecidos em todo o bairro e ela costumava vender por

toda região, aquele dinheirinho ajudava na renda porque ela recebia apenas uma pequena pensão deixada pelo marido falecido.

— Preciso fazer dieta, logo hoje que é dia do furrundú. – suspirou Mequetrefe inconformado.

Furrundú é um doce feito de mamão verde, ralado com rapadura derretida, o preferido de Mequetrefe.

— Nós, gatos de rua, nem temos a chance de engordar, a comida aqui é sempre escassa, por isso continuamos esbeltos. – disse Lady do parapeito da janela do segundo andar, enquanto lambia demoradamente sua pata.

— Eu posso ir lá pedir para a mãezinha (era como Mequetrefe chamava Dona Eulália) um pouco do furrundú pra trazer para vocês, mas acho que vocês iriam gostar mais da canjica porque tem leite, e gato adora leite não é? não é? não é? – disse Peralta, que era sempre muito agitado, até na hora de falar.

— Canjica é feita de leite adoçado com milho. – emendou Mequetrefe e Peralta finalizou: — Vamos trazer um pouco de cada um para vocês experimentarem. – E correu atravessando o matagal como um furacão e foi até Dona Eulália buscar canjica e furrundú para os amigos gatos, era muito espevitado, mas muito companheiro e animado.

CAPÍTULO II

O caso do sumiço do furrundú



Peralta adentrou a cozinha que nem um raio desgovernado, era vira-lata de berço, desses caramelos de patinha curta e focinho comprido. Dona Eulália não fazia questão de raça, para ela, os sem raça definida eram os melhores, os mais fiéis e mais carinhosos. Era assim que ela passava seus dias, fazendo quitutes e conversando com seus amigos inseparáveis, Peralta e Mequetrefe.

— O que foi Peralta? Que pressa é essa, Xô mano? – questionou Dona Eulália, espantada.

Ele começou a latir e correr em círculos em volta da mesa, onde ela colocava os quitutes e guloseimas para esfriar, cobria com um pano de mesa com estampa de caju para afastar as moscas, ali repousavam seus quitutes até as clientes virem buscar suas encomendas. Dona Eulália sempre fazia um pouco a mais para ela ou para os vizinhos mais próximos consumirem quando vinham visitá-la. Ela tinha dois filhos que casaram e foram morar em outros Estados então, as visitas familiares não eram muito frequentes, só dos seus vizinhos, vez ou outra.

Peralta farejou em volta da mesa, focinho de cachorro é poderoso, sente cheiro melhor que a gente e, o do Peralta era infalível. Ele se apoiou nas patas traseiras e foi volteando a mesa até chegar no local exato da canjica, com seu cheiro inconfundível de grãos de milho branco cozidos no leite com açúcar.

Logo, Dona Eulália percebeu as intenções do amigo, afinal eram anos de convivência, eles já se conheciam com um simples olhar. Gente que gosta de bicho é assim, entende miado, latido, rabo abanando, ronronado... É verdade, quem gosta de bicho entende os pequenos detalhes, gestos e caretas, é o jeito deles se comunicarem.

Dona Eulália se espichou sobre a mesa para alcançar o pano que cobria a canjica, era uma senhora pequena de corpo roliço, quase como o Mequetrefe, só que em forma de gente. Puxou o pano e, qual não foi seu espanto, a tigela da canjica estava ali, mas o

furrundú tinha desaparecido! O único sinal que sobrou do furrundú era um pouco do doce que havia derramado sobre a mesa quando ela deixou para esfriar, mais nada, nadica de nada, o furrundú da Dona Eulália desapareceu, sem mais nem menos.

— Vôte, cadê meu furrundú? Estava aqui agora a pouco... – exclamou ela surpresa, levantando os outros panos com estampa de caju para conferir se os outros doces estavam ali. O bolinho de arroz estava intocado na tigela, ela até contou, não faltava nenhum. A canjica estava inteirinha em uma tigela roxa. O prato com biscoitos de polvilho fritos e chipas de queijo encomendados por Xô Dito (diminutivo de Benedito) da oficina, também estava ali. O bolo de mandioca inteirinho também estava na ponta da mesa, mas e o furrundú? Onde foi parar o furrundú da Dona Eulália?

Se tinha alguém que poderia desvendar esse caso era aquele gato preto astuto que morava no casarão abandonado, no final do Beco do Candeeiro. Esse mistério ficaria conhecido como o primeiro caso de Zelito, o gato detetive.

Peralta correu de volta para o casarão e foi direto encontrar Zelito, o gato mais esperto da região, o único capaz de descobrir onde foi parar o furrundú desaparecido da Dona Eulália.

— Zelito, Zelito, Zelito! – chamava Peralda esbaforido e atônito.
— O furrundú sumiu! Estava na mesa com os outros quitutes e simplesmente desapareceu, só sobrou o pouquinho que escorreu na mesa!

Zelito era um gato letrado, sabia de tudo um pouquinho, isso porque, enquanto os irmãos brincavam ou dormiam no telhado sob o sol, ele ficava na sala dos livros, devorando com os olhos todas aquelas histórias divertidas de aventuras e mistérios.

— Calma Peralta, um bom detetive tem que avaliar as pistas com muito cuidado para desvendar um mistério, é preciso ser minucioso e detalhista. – explicou Zelito.

O Peralta, coitado, nem sabia ao certo o que significava "minucioso", mas não importa, ele sabia que Zelito, o gato detetive, era capaz de desvendar o mistério do furrundú desaparecido.

A gatalhada ndo casarão estava em polvorosa, não era só a família de Zelito que morava ali, tinha muitos outros gatos de rua morando no casarão do Beco do Candeeiro. De vez em quando, até alguns cachorros de rua passavam por ali, mas os moradores mais frequentes eram os gatos, pois as únicas entradas eram pelas janelas entreabertas no segundo andar e, por elas, só os gatos conseguiam passar com sua agilidade para escaladas e corpos esguios.

— Peralta e Mequetrefe, me acompanhem até a casa de Dona Eulália! Remela, pegue meu chapéu e, Gatito, alcance minha lupa, por favor! – orientou Zelito.

Todos obedeceram, Zelito era o manda-chuva por ali, é aquela coisa, manda quem pode, obedece quem tem juízo!

Atendido pelos irmãos e amigos, ajeitou o chapéu sobre a cabeça, conferiu o reflexo no vidro da janela para ver se estava alinhado, pegou a lupa e saiu. Ele tinha lido em um daqueles livros sobre um tal detetive que morava em Londres, na *Baker Street*, um senhor muito astuto, que usava um chapéu como aquele e, nada mais justo que o gato detetive tivesse um parecido, afinal, ele era tão esperto quanto esse tal famoso senhor.

E lá foram os cinco rumo à casa de Dona Eulália, que era a casa mais próxima dali. Saíram Peralta e Mequetrefe na frente, seguidos por Zelito, Migalha e Remela. Gatito estava mau-humorado e decidiu permanecer no telhado tomando sol e cochilando, como de costume. Lady preferiu continuar seu demorado banho de língua no parapeito da janela.

Entraram na cozinha já rodeando a mesa que, segundo Zelito, era "a cena do crime". Migalha se adiantou e foi conferir com a língua o resto do furrundú que pingou na mesa.

— Muita calma Migalha, você não pode comprometer as provas.

— Mas Zelito, estou apenas fazendo a perícia. – e seguiu lambendo quase tudo. – Sim, isso de fato foi o que restou do furrundú desaparecido e, preciso confessar, está divino! Dona Eulália, de fato, é a rainha da cozinha!

Zelito olhou de canto de olho para o irmão deixando claro seu desagrado. Apontou a lupa para o local do “crime” e, além das marcas das lambidas do Migalha, nada ali indicava a identidade do culpado pelo sumiço do furrundú.

— *Hummm...* muito estranho, nenhuma pegada sobre a mesa, nem sinal da tigela do furrundú... – Zelito tinha uma expressão pensativa e, ainda segurando a lupa, foi até a pia.

— O criminoso não deixou pegadas? Bem diferente do Sr. Patitas. – exclamou Remela.

— Sr. Patitas? – perguntou Peralta.

— É como nossa mãe costuma chamar o Migalha que, por ande anda, deixa as marcas de suas patinhas por todo lugar, ela sempre sabe por onde ele andou, entendeu? “Sr. Patitas”! – Remela explicou e deu uma gargalhada logo em seguida.

— Voltando ao que interessa, a tigela não está na pia? – perguntou Mequetrefe esperançoso, ele não alcançava a pia, mas os gatos subiam em tudo com destreza e agilidade.

— *Hummm...* nada na pia. – respondeu Zelito. — Senhores, vamos nos dividir e procurar pela casa inteira!

E foi cada um para um lado, nem o quintal ficou de fora, Dona Eulália assistia a tudo com muita atenção, confortavelmente sentada em sua poltrona preferida.

Era gato e cachorro fuçando por tudo, nenhum cantinho ficou esquecido, nem o chinelo de Dona Eulália escapou da perícia, mas nenhum sinal do furrundú.

De repente, um latido vindo do quintal chamou a atenção de todos, era Peralta, latindo na frente da bacia de lavar roupa.

— Aqui, aqui, aqui! Achei a tigela, mas... oh não... está vazia. – choramingou Peralta desapontado.

Zelito pegou a lupa e apontou para a vasilha.

— *Hummm...* de fato Peralta, está vazia, agora não passa de uma tigela suja e furrundú que é bom, nada! – disse Zelito.

Claro que Migalha foi lambar a tigela pois, mais um vez, segundo ele, fazia parte da perícia.

— Confirmado, essa era a tigela do furrundú! – exclamou Migalha, depois de uma demorada lambida.

Zelito se aproximou com a lupa e vasculhou a tigela, a bacia e os arredores minuciosamente.

— *Hummm...* vejam isso rapazes, o que acham? – ele retirou uma pequena pena que havia ficado grudada na parte de fora da tigela e mostrou para os amigos.

— Uma pena! – exclamou Remela com espanto.

— Sim, uma pena. Isso indica que nosso suspeito pode voar. – concluiu Zelito.

Olharam em volta, todos ao mesmo tempo, tentando avistar o provável suspeito em alguma árvore ou no telhado da casa, mas nada! Além dos cinco ali fora e Dona Eulália dentro da casa, mais ninguém estava ali.

— Peralta e Mequetrefe, Dona Eulália tem passarinho? – perguntou Zelito para os amigos, curioso.

— Não, só nós dois e a mãezinha moramos aqui. – disse Peralta.

— Remela, pegue o saco de evidências e coloque a pena cuidadosamente dentro, por favor. Vamos levar nossa única prova

para análise no laboratório. – disse Zelito, se referindo ao banheiro de seu quatinho de leitura no casarão.

E voltaram todos para o casarão para continuar a investigação. Os cães aguardaram nas escadas da frente, pois não passavam pelo vão das janelas. Os gatos seguiram Zelito até seu quatinho de leitura, local que os antigos moradores chamavam de biblioteca.

Zelito subiu na estante que ocupava toda parede lateral da sala e, com as unhas, puxou um dos livros da prateleira.

— Aqui está, o livro que estou procurando, *Aves urbanas*. – abriu o livro cuidadosamente no chão da sala e foi folheando página por página, sempre com a pena coletada na "cena do crime" na mira da lupa, os irmãos observavam atentos a análise de Zelito.

Zelito comparava a pena com as penas das aves ilustradas nas páginas do livro e, foi assim que finalmente identificou o proprietário da pena coletada na "cena do crime".

— *Columba livia*! – bradou Zelito.

— Que é isso? – questionou Remela, como se estivesse ouvindo algum xingamento.

— O culpado é um pombo doméstico! – esclareceu Zelito satisfeito.

Todos ali sabiam onde os pombos viviam. Ali mesmo, no casarão, tinha uma família deles, sempre barulhentos e espalhafatosos, ocupavam os telhados da torre do casarão. Os gatos foram para lá no mesmo instante e Zelito levava consigo a pena, digo, a "prova".

— Atenção, atenção senhores, peço silêncio por favor! – gritava Zelito em frente à torre, tentando acalmar os pombos que se agitavam com a presença dos gatos no telhado. Lady e Gatito assistiam de longe.

— O que houve Zelito? *Gruun... grunn...* – arrulhou Anibal, o pombo correio e chefe do pombal.

— Caro amigo Anibal, ocorre que o furrundú da Dona Eulália tomou chá de sumiço e, de acordo com minha detalhada investigação, o culpado é um pombo e, por acaso, esse aqui é o pombal mais próximo da cena do crime.

Anibal franziu a testa e imediatamente se voltou para os amigos pombos que arrulhavam nervosamente diante da acusação de Zelito.

— Agora, o que que é esse?!? Quem foi o bocó de fivela que comeu o furrundú da Dona Eulália? – Anibal estufou o peito e se apurou questionando os companheiros do pombal com aquela expressão ameaçadora no olhar, sabia que o culpado estava ali porque conhecia muito bem a sua freqüesia. Era o líder, o pombo mais velho do pombal e era muito respeitado por todos.

Devagarzinho e furtivamente um dos pombos mais jovens foi se encolhendo, encolhendo até que não conseguiu mais disfarçar, só então levantou a asinha se entregando.

— Vôte, que chá de cuica é esse que eu fui me meter, mas eu confesso! Eu não resisti ao furrundú da Dona Eulália, não existe furrundú melhor em toda Cuiabá, eu me entrego... – o jovem pombo assumiu diante de todos seu deslize.

Como castigo, o jovem pombo teve que prometer nunca mais roubar furrundú e, de quebra, teve que ajudar Dona Eulália a fazer mais duas tigelas cheias da iguaria. Uma delas, ela gentilmente presenteou os gatos do casarão em agradecimento por desvendarem o mistério do sumiço do furrundú e, a outra, ela serviu para as visitas.

Peralta e Mequetrefe também ficaram satisfeitos com a resolução do mistério e Migalha, claro, lambeu os beiços porque o furrundú de Dona Eulália era realmente um manjar dos deuses!

E assim, Zelito, o gato detetive, solucionou seu primeiro mistério de muitos!

CAPÍTULO III

O caso do tesouro perdido



Mequetrefe estava atordoado naquela tarde. Dona Eulália na cozinha, atarefada com seus quitutes, e ele correndo pra lá e prá cá entorpecido pelo aroma inebriante do biscoito de queijo assando no forno. A barriginha já roncando.

— Mas o que que é esse, xô mano? Tá nervoso? Vou te contar uma história sobre o casarão do final do beco, quem sabe você se acalma até os biscoitos ficarem prontos... – disse Dona Eulália e Mequetrefe latiu em sinal de consentimento.

— Disque lá, certa vez, morou uma família *muitcho* rica e que o dono da casa, um homem muito avarento, não confiava no banco pra guardar sua fortuna e, por isso, guardava jóias e dinheiro em um baú que mantinha muito escondido, tão escondido que nem a esposa nem o filho sabiam exatamente onde ele escondia o tal tesouro. Ocorre que, num dia qualquer, o homem teve um mal súbito e acabou morrendo repentinamente. A viúva e o filho tiveram que se mudar do casarão após a morte dele e, há que diga, que até hoje existe um tesouro escondido naquela casa, mas ninguém nunca viu o tal baú e o tesouro ainda está perdido por lá.

Mequetrefe arregalou os olhos interessado e não pensava mais em outra coisa: — Tesouro, existe um tesouro escondido na casa dos gatos! Esse é um mistério que só o Zelito poderá desvendar com toda sua habilidade investigativa. – dizia ele empolgado.

— Vamos Peralta! Vamos procurar o Zelito e desvendar mais esse mistério. – recrutou Mequetrefe, e xispou cozinha afora, tão rápido que Dona Eulália ficou espantada:

— Eita Mequetrefe, não vai nem esperar os biscoitos? – perguntou ela. Mas ele latiu e continuou firme na sua missão, acompanhado de seu fiel amigo Peralta, correndo rumo ao casarão do Beco da Candeeiro.

Os gatos estavam por ali, na entrada do casarão, uns dormindo, outros tomando banho de língua.

Zelito avistou os amigos de cima do telhado e tratou de descer porque seu instinto lhe dizia que traziam novidades. Esbaforido, Mequetrefe expremeu a barriga pela grade do portão e adentrou no terreno, Peralta veio logo atrás.

— Que bons ventos os trazem amigos? – perguntou Zelito.

— Temos novidades! Mãezinha contou uma história muito interessante! Ela disse que aqui morou um senhor muito rico que escondeu seu tesouro em um baú que até hoje permanece escondido nessa casa e que ninguém nunca encontrou, nem mesmo a viúva ou o filho do tal homem. Tem um tesouro escondido em um baú bem aqui, se vocês encontrarem estão ricos! Imagina quanta ração, leite, petiscos e brinquedos vão poder comprar? – contou Mequetrefe animado.

Os gatos se interessaram pela história e todos observavam atentamente a conversa entre Mequetrefe e Zelito.

— Bem, de fato, esse é um caso muito interessante e ninguém melhor que Zelito, nosso gato detetive, para desvendar esse mistério. – observou Ponguinha, a gata mãe, que ouviu tudo de longe.

— Mamãe tem razão, vamos traçar um plano amigos. – concordou Zelito.

A bicharada do casarão se alvoroçou, era cachorro, gato, pombo, todos queriam ajudar a encontrar o tesouro perdido. Até os gatos da rua de baixo foram chegando para participar da empreitada.

— Oi, Pereba, se aproxime amigo! – convidava Zelito, que apreciava cada colaboração.

Pereba era um gatinho preto, filhote, que havia sido abandonado na porta da oficina do Nhô Dito, em uma caixa de papelão, mas, diferente de Zelito, ele tinha pelo longo. O nome Pereba foi ideia do Nhô Dito porque, além do filhote ter sido abandonado à própria sorte, estava magricelo e cheio de sarna quando foi encontrado,

foram necessárias várias visitas ao médico veterinário para que ele ficasse bem e curado.

— Oi Zelito, fiquei sabendo que tem um tesouro escondido no casarão, se eu ajudar na busca vocês dividem comigo? – indagou Pereba.

— Claro Pereba! Cada membro da equipe de busca terá o seu quinhão, palavra de escoteiro! Ops, palavra de detetive! – Zelito deu uma piscadela em sinal de concordância.

Feliz, Pereba deu várias piruetas no ar comemorado, era muito ágil e empolgado esse gatinho.

Logo, estavam todos reunidos à sombra no ipê amarelo no jardim, prontos para ouvir o plano de caça ao tesouro de Zelito.

— Alguma idéia de onde podemos começar? – indagou Zelito, já colocando sua lupa na frente do olho esquerdo que, para quem via de fora, ficava um olhão aumentado por causa da lente de aumento da lupa e o outro olho em tamanho normal.

— Eu... *slep, slep...* sugiro investigar o retrato da família que fica pendurado na parede de um dos quartos do segundo andar. Pode ser que a gente encontre uma pista ali. – falou Lady entre uma lambida e outra, muito perspicaz essa gatinha.

— Pois bem, eu, Lady, Migalha e Pereba vamos procurar o tal retrato, os demais podem vasculhar o primeiro andar do casarão em busca de alguma pista. – coordenou Zelito dando as ordens, afinal, ele era o gato detetive.

A bicharada se separou: Zelito, Lady, Pereba e Migalha subiram as escadarias até o quarto no final do corredor e os demais ficaram no térreo atrás de alguma pista.

— Veja Zelito, ali está o quadro com a foto que eu falei. – Lady apontou para a foto antiga da família pendurada na parede, em cima da cômoda.

Zelito subiu na cômoda e pegou sua lupa, que ficava pendurada por um cordão em seu pescoço e analisou minuciosamente a foto. Era o retrato de um casal, muito bem vestido, com roupas antigas, o pai em pé atrás da cadeira e, sentados na cadeira de dois lugares, a mãe e o filho. Aos pés do menino, sentado no chão, tinha um belo cão pastor com pelagem longa, dourada e peito branco.

— Hummm... essa deve ser a família que morou aqui, anos atrás... – disse Zelito. Chamou-lhe a atenção um objeto no colo do menino, uma caixa de madeira toda ornamentada com desenhos dourados e esculpida à mão.

— Veja Zelito, a caixa no colo do menino, deve ser ali que esconderam o tesouro! – disse Migalha, empolgado, passando a pata peluda sobre o quadro para apontar a caixa e, nesse instante, o quadro balançou para lá e para cá até cair e se espatifar no chão.

— Cuidado Migalha! – gritou Lady, mas era tarde demais... foi vidro para todo lado.

Os quatro olharam espantados para o quadro que agora estava todo quebrado no chão do quarto.

— Migalha, seu desastrado! Olha o que você fez.... – bradou Zelito retirando os vidros quebrados com a patinha e pegando cuidadosamente a foto de dentro da moldura, que também havia se quebrado na queda.

— Por sorte a foto está intacta... – suspirou aliviado, o Migalha.

— Veja, Zelito, tem alguma coisa escrita aí atrás... – disse Lady, que percebeu que havia uma frase escrita à mão atrás da fotografia da família.

Zelito segurou a lupa e apontou para as pequenas letras que formavam a frase:

*"Quando o sol se pôr, um feixe de luz vai iluminar na varanda uma soleira,
e você encontrará a próxima pista abaixo do assoalho de madeira!"*

Ass: O. C."

— Achamos! É a pista número dois, vamos avisar os outros...
– disse Migalha que não conseguia conter a empolgação, saiu correndo na frente e quase rolou escada abaixo. Já Lady e Zelito vinham logo atrás, descendo tranquilamente degrau por degrau.

Alertados pelos gritos de Migalha, todos se reuniram na grande sala no primeiro andar, onde ninguém tinha encontrado nada durante as buscas. Os pombos pousaram nas janelas e os cães e gatos fizeram um círculo ao redor de Zelito para ouvir a pista, que foi repetida na frente de todos.

— Quem é O. C.? – perguntou Anibal.

— Serão essas as iniciais do dono da casa? Oscar alguma coisa, ou Onofre, Olímpio, Omero... – conjecturou Peralta.

— Homero é com H, seu tonto. – corrigiu Mequetrefe.

— Não importa quem escreveu, o que importa é que temos uma pista. Vamos aguardar o sol se pôr em algumas horas e procurar o feixe de luz na varanda atrás da casa, ele apontará a localização da segunda pista. – orientou Zelito.

A bicharada se reuniu em torno da soleira. Faltavam algumas horas até o pôr do sol, mas eles eram pacientes e brincaram uns com os outros para passar o tempo. Mequetrefe trouxe a bola e até os pombos aproveitaram a diversão.

— Vejam, o sol está se pondo! Vamos procurar o tal feixe de luz. – disse Remela, que estava atento, chamando os demais.

À medida que o sol se despedia, os seus raios foram ficando escassos, até que só sobrou um que invadia a varanda e iluminava uma tábua de madeira no canto esquerdo da soleira.

Zelito foi se aproximando devagarinho e, quando pisou na tábua, percebeu que na outra extremidade ela estava solta e levantou uns centímetros do chão, revelando um vão sob a madeira.

Pereba então, enfiou a pata direita no vão descoberto e, com a unha, foi puxando um pedaço de papel que estava escondido sob o assoalho. Como ele era o mais miudinho, foi fácil enfiar a patinha no vão e puxar o papel.

— Encontramos! – gritou Mequetrefe. — Leia, Zelito!

Zelito abriu o papel com cuidado, pois estava desgastado pelo tempo, para não rasgar ou perder um pedaço da pista, que dizia assim:

*"Ela existe há bastante tempo, na primavera fica repleta de flores
que colorem de amarelo nosso jardim, no galho mais alto há
uma parte oca, e a próxima pista estará ali a sua espera!"*

Ass.: O. C."

— Eu sei, eu sei! – gritou uma pomba espevitada. — É o ipê na frente do casarão, eu pouso ali toda manhã!

— Então vão procurar a nossa próxima pista! – ordenou Zelito aos pombos que poderiam facilmente alcançar os galhos.

O pombal se ouriçou todo, era estimulante participar daquela caça ao tesouro ao lado dos amigos gatos e cães.

Enquanto os pombos procuravam a terceira pista, os gatos e os cães aguardavam em torno do velho ipê, ansiosos para descobrir o que estaria guardado no galho oco da árvore.

Logo, uma pombinha branca surgiu entre os galhos trazendo um pedaço de papel no bico, pousou ao lado de Zelito, que pegou sua lupa para ler a próxima pista:

*"Em um buraco bem fundo, com pedras nas laterais, onde água já
não há, mas o balde amarrado pela corda ao tesouro te levará!"*

Ass.: O. C."

Enfim, ali estava a última pista, mas, como já era noite e seria perigoso procurar um buraco na escuridão, os bichos decidiram adiar a busca e recomeçar pela manhã, para que ninguém corresse o

risco de se machucar. E foram todos dormir para acordar bem cedo no dia seguinte.

De manhã, Mequetrefe e Peralta foram os primeiros a chegar com seus latidos insistentes, acordando todo mundo no casarão. Logo, todos estavam bem despertos e reunidos no alpendre nos fundos da imponente casa.

— Bem, alguém tem alguma sugestão de onde devemos começar a procurar? – indagou Zelito.

— Eu escavei um buraco outro dia na frente da casa procurando um osso. – contou Peralta orgulhoso, como se tivesse descoberto algo importante.

— Ora, seu bobo! Isso foi na semana passada. A pista se refere a um buraco muito antigo, da época em que os antigos donos viviam aqui – retrucou Mequetrefe.

— E, falando em donos, ontem perdi o sono e fui fuçar na biblioteca, encontrei um álbum de retratos que tinha a foto dos antigos moradores, com os nomes de cada um embaixo das fotos. Descobri que o dono do casarão, um homem bem rico, se chamava Simão de Barros Mota. A esposa era Anália de Barros Mota e o menino era Antônio. – revelou Zelito.

— Então, de quem será a inicial O. C.? – indagou Peralta.

— Afinal, foi esse O. C. quem deixou as pistas e escondeu o tesouro – completou Anibal confuso.

— Esse é o mistério que devemos desvendar. – Zelito concluiu.

— Bem, nossa missão ainda não terminou, temos que encontrar o tal buraco com paredes de pedra. – lembrou Remela.

Enquanto tentavam desvendar aquele enigma, perceberam uma voz bem baixinha vindo da calha no telhado.

— Ei pessoal, sou eu, o Bisteca.

Bisteca era um rato preto de telhado que também vivia no casarão, morava ali há muito tempo, antes mesmo de Zelito e seus irmãos. Ele desceu pelo cano da calha e logo estava entre os amigos e disse calmamente: — Eu acompanhei as buscas de longe, mas posso ajudar a desvendar a última pista.

— Tchá por Deus! Fala logo, bocó de fivela, estamos curiosos! – disse Anibal impaciente.

O rato olhou torto para Anibal, mas prosseguiu: — Lá nos fundos do casarão, dentro dos arbustos que cresceram e tomaram conta do antigo solário, tem um poço, que é um buraco que foi escavado e cercado por pedras de onde costumavam tirar água. Hoje o poço está seco, mas o balde e a corda que usavam para pegar água ainda estão lá.

— É isso, Bisteca, então o tesouro está no poço! Nos mostre o caminho, por favor. – pediu Zelito.

Bisteca correu na frente e a bicharada foi atrás. Como haviam muitos arbustos impedindo o acesso ao solário onde ficava o poço, os pombos foram de grande ajuda retirando os galhos rapidamente com suas garras e bicos, abrindo caminho para todos passarem.

Logo, estavam todos em torno do poço e Remela subiu logo na mureta, olhou para o fundo e, com espanto, revelou a todos:

— *Miauuuuuuuuu....* – miou Remela ecoando dentro do poço. — Eita, que é fundo mesmo isso aqui, não dá para enxergar nadinha de nada! – concluiu Remela.

— Alguém vai ter que descer... – Zelito ordenou, mas ninguém se prontificou.

— Descer como? – perguntou Peralta.

— Dentro do balde, ele é preso por uma corda, você e Mequetrefe ficam segurando a corda com a boca e soltando aos poucos, até o balde chegar no fundo do poço.

— Tem que ser alguém pequeno para caber no balde. – concluiu Anibal.

— Eu não vou! Nem olhem pra mim, tenho medo de escuro! – avisou Bisteca, já tirando o corpo fora.

— Eu vou! Me passem uma lanterna. – afirmou Gatito, o menor e mais franzino de todos os irmãos de Zelito.

Lady alcançou a lanterna e Gatito pulou pra dentro do balde. Remela e Migalha empurraram o balde no poço e Peralta e Mequetrefe seguraram a corda firmemente entre os dentes. Aos poucos o balde foi descendo, sob os olhares atentos e aflitos de todos os bichos em volta do poço.

— Tudo bem aí, Gatito? – perguntou Zelito.

— Sim, mas isso aqui é de dar medo, muito escuro. – respondeu Gatito apreensivo.

Todos ouviram um *Bummm!* Era o barulho do balde que atingiu o chão, pois o poço estava seco. Gatito foi apontando a lanterna para todos os lados e para o chão, mas nada de encontrar o tesouro, até que....

— Achei, achei! – gritava ele removendo um tijolo da lateral que estava quase saindo. Atrás do tijolo solto havia uma caixa de madeira vermelha, a mesma que viram na foto no colo do menino. Gatito sentou no balde segurando a caixa no colo e pediu para os cachorros o puxarem de volta. Em alguns minutos estavam todos admirados olhando para a velha caixa de madeira há tantos anos escondida.

— Vamos abrir! Imaginem quantos tesouros devem estar dentro da caixa! – disse Lady já empolgada, imaginando encontrar um belo colar de pérolas para adornar seu pescoço.

— Calma pessoal! A caixa está trancada, tem uma fechadura aqui. – apontou Zelito para a frente da caixa.

— Onde estará a chave? Não estava lá embaixo Gatito? – Perguntou Mequetrefe e Gatito acenou com a cabeça que não.

Mais uma vez a bicharada se espalhou para procurar a chave no entorno do poço e no casarão. Algumas pombas, enquanto retiravam mais alguns arbustos para melhorar a visibilidade em volta do poço, fizeram uma inusitada descoberta.

— Veja Zelito! Tem um túmulo aqui com uma cruz e tem alguma coisa gravada na lápide. – disse Bisteca, que fez um esforço para ler:

"Aqui jaz O Cão, nosso fiel amigo.

Descanse em paz meu companheiro de tantas aventuras!"

Finalmente descobriram de quem eram as iniciais nas pistas: O. C. = O Cão. Deduziram que foi ele quem deixou as pistas e, com certeza, deve ter tido ajuda do menino. Que esperto esse Cão!

Na cruz sobre a lápide tinha uma corrente pendurada e, presa nela havia uma pequena chave. Zelito pegou a chave e imediatamente tentou abrir a caixa que, com um pequeno esforço, se abriu revelando o tesouro tão aguardado por todos.

Os animais não acreditavam no que acabaram de ver dentro da caixa. Em vez de moedas de ouro, jóias ou dinheiro, havia uma grande quantidade de... OSSOS! Sim, ossos, o tesouro do Cão!

— Não acredito... e meu colar de pérolas? – indagou Lady decepcionada.

Pelo jeito, os únicos ali que ficaram felizes com o tesouro foram Peralta e Mequetrefe, que dividiram os ossos entre eles.

Os demais voltaram desapontados para suas casas, menos o Zelito, pois, afinal de contas, mesmo encontrando apenas ossos, o mistério do tesouro perdido finalmente foi solucionado!

CAPÍTULO IV

O caso da carta extraviada



Era uma linda manhã de domingo, cedinho o sol já estava brilhando e aquecendo as paredes desgastadas do velho casarão do Beco do Candeeiro. A gatalhada dormia preguiçosamente, afinal de contas era domingo, podiam dormir até mais tarde.

Os pombos da torre também já faziam a algazarra matutina, arrulhando e batendo as asas para se espreguiçar. Alguns arriscavam um banho frio se refestelando em uma poça d'água represada na calha.

Anibal, o velho pombo correio e chefe do pombal, já estava pronto para assumir suas atribuições matinais, pois tinha muitas cartinhas para entregar. Carregava uma bolsinha de couro atravessada no peito e voava para lá e para cá, recebendo e entregando cartas em todos os cantos da cidade verde. Era tão dedicado ao seu ofício que até domingo era dia de trabalho para ele.

Quando Anibal saiu logo cedo, todos os gatos ainda dormiam e, quando retornou, no final da manhã, o casarão já estava em plena atividade com os gatos mais jovens brincando e os mais velhos reunidos em pequenos grupos, comendo, conversando, descansando ou tomando seus demorados banhos de língua.

Anibal sobrevoou o casarão e pousou no beiral da janela do quarto de Zelito, gritando pelo amigo:

— Zelitoooooo.... corre aqui xô mano, tchá por Deus!

Zelito percebeu a aflição do amigo e correu até o beiral imediatamente.

— O que houve, caro amigo Anibal?

— Eu fiz a entrega das cartas essa manhã e a última carta que eu tinha que entregar era para o Nhô Dito, da oficina. Deixei por último porque era perto de casa, quando cheguei lá, a carta tinha sumido. Sumiu, Zelito! Já procurei por tudo, e agora? O remetente vai comer meu fígado... agora quando?!?

— Calma Anibal, eu vou te ajudar, deixa eu reunir a turma para pensar em um plano, me encontra em dez minutos no ipê amarelo do jardim. – Zelito respondeu, tentando acalmar o amigo e rapidamente reuniu o pessoal ao pé do ipê amarelo. Vários gatos compareceram, Mequetrefe e Peralta também. Gatito, entre um bocejo e outro, se manifestou:

— Que futchicaçada é esta, logo domingo de manhã?

Lady se adiantou:

— Gatito, já está quase na hora do almoço, chega de dormir, gato preguiçoso!

— Calma, pessoal! Vamos ouvir com atenção nosso velho amigo Anibal que está com uma emergência precisando de nossa ajuda. Conte, Anibal, por onde andou nessa amanhã pois, para lhe ajudar a encontrar a carta perdida, precisaremos refazer os seus passos.

Anibal começou seu relato, ainda visivelmente nervoso.

— Fui cedo para a Morada do Ouro, minha jornada começou lá. Entreguei duas cartas no bairro e recebi outra, da Professora Geisa, para entregar para o Nhô Dito e essa foi a tal carta que sumiu. – suspirou com tristeza.

— E depois? Prossiga... – questionou Zelito.

— Bem, de lá fui para o CPA, entreguei mais uma carta lá, depois no Consil, no Bosque da Saúde, na Lixeira, no Baú e no Araés... quando retornei ao Beco, no final da manhã, a última carta que deveria ser entregue para Nhô Dito sumiu.

Zelito fez uma expressão pensativa, coçou a orelha e prosseguiu:

— Pessoal, vamos precisar da colaboração de todos e todas, pois teremos que refazer os passos do Anibal e, para isso, será importante nos dividirmos em grupos. Migalha, cadê o mapa que pedi para você trazer da biblioteca agora a pouco?

Migalha se adiantou e foi desenrolando o mapa até que estivesse todo esticado em baixo da árvore. Zelito pegou sua lupa e apontou para a localidade da Morada do Ouro, ali alfinetou uma etiqueta colorida para sinalizar onde iniciou a jornada de Anibal naquela manhã, logo depois, alfinetou o Bairro CPA.

— Aqui! – apontou para o grupo de pombos nos galhos do ipê.
— Vocês vão para lá, sobrevoem os bairros da Morada do Ouro e do CPA e procurem em cada cantinho, perguntem na vizinhança, se alguém tiver encontrado a carta vocês vão saber.

Voltou-se para o mapa e alfinetou outros dois pontos, um no bairro Consil e outro no Bosque da Saúde.

— Peralta, Lady e Remela vão para os bairros Consil e Bosque da Saúde, vasculhem tudo e perguntem para quem estiver na rua pela tal carta. Procurem os trigêmeos Amy, Garu e Hashi, são três gatos persas que moram em um prédio no Bosque da Saúde. Eles estão sempre na sacada do apartamento, que é protegida por uma tela. Levem um pombo com vocês pois só ele poderá chegar no oitavo andar e questionar os irmãos. Esses gatos passam o dia na sacada, se tiverem visto alguma coisa vão dizer.

Voltou-se para o mapa mais uma vez e alfinetou o Bairro Araés.

— Mequetrefe, Gatito e Migalha procurem a Paçoca, uma gatinha tigrada que mora na garagem do Edifício Renoir, ela sabe de tudo que acontece por ali.

Voltou para o mapa e alfinetou os bairros Baú e Lixeira.

— Eu e Anibal vamos pra lá, tem uma cachorrada que perambula pelos bairros e o líder é um velho amigo meu, o Orelha, ele saberá dizer se alguém achou uma carta perdida por ali.

Imediatamente o grupo se dissipou, cada um tinha uma missão a cumprir e a meta era ajudar o Anibal a encontrar a carta perdida. Ao final do dia, todos deveriam retornar ao pé do ipê com suas descobertas.

Na Morada do Ouro e CPA, o grupo de pombos vasculhou cada cantinho, abordaram várias pessoas na rua perguntando se alguém havia visto a carta perdida mas, infelizmente, ninguém viu nada. Os pombos agradeceram e retornaram ao Beco do Candeeiro bem desapontados.

No Bairro Consil Peralta, Lady e Remela procuraram por tudo, questionaram até uma dona que passeava com seu caramelo na coleira toda manhã e, por isso, tinham percorrido grande parte do bairro e nada conseguiram.

— Olá pessoal... – cumprimentou o caramelo.

— Olá caramelo, você ou sua tutora por acaso não viram nenhuma carta perdida no bairro nessa manhã? Estamos procurando há horas sem sucesso... – perguntou Remela.

— Não amigo, estou desde cedo passeando pelo bairro, até parei para brincar na pracinha, mas não vimos nada não, sinto muito!

O grupo atravessou a avenida e chegou no Bosque da Saúde onde procurou a recepção do prédio dos trigêmeos persas, os três gatos que moravam com seus tutores no oitavo andar. O pombo voou até lá e encontrou dois deles na sacada.

— O que você quer, pombo? Como ousa subir até aqui? Não tem medo do perigo? Eu sou um gato devorador de pombos, você tem sorte de existir uma tela entre nós... – Hashi era uma farsa, nunca tinha comido um pássaro sequer em toda sua vida, na sua tijela só colocavam ração.

— Quietos Hashi... – retrucou Garu, o mais paciente e educado do trio. — Deixe o pobre do pombo falar, ele parece aflito e, além disso, estou vendo que ele veio acompanhado de nossos amigos Peralta, Lady e Remela, do Beco do Candeeiro. A Lady é uma beleza de gata! Se eu puder ajudar, pode ser que ela me retribua com um beijo...

— Estamos procurando uma carta perdida pelo pombo correio Anibal esta manhã, será que vocês viram alguma coisa? – perguntou o pombo.

— Não irmão, passamos a manhã toda aqui e não vimos nada.

Amy, a persa fêmea, ouviu a conversa e foi até a sacada dizendo:

— Tenho uma amiga bem-te-vi que mora na árvore do outro lado da rua, ela costuma sobrevoar o bairro toda manhã, o nome dela é Alecrim, pergunte a ela.

O pombo agradeceu e retornou até a recepção do prédio com a informação. O grupo, esperançoso, foi até a árvore onde a Bem-te-vi tinha seu ninho e Lady perguntou:

— Alecrim, eu sou a Lady. A gata persa do oitavo andar disse que talvez você possa nos ajudar. – Lady escalou a árvore até o galho onde estava o ninho, era ágil a mocinha.

— Desculpe Lady, se alguém perdeu uma carta não foi por aqui, eu sobrevoei o bairro todo esta manhã em busca de comida e não vi nada, sinto muito não poder ajudar, espero que encontrem logo!

O grupo agradeceu e retornou para o Beco visivelmente abatido pelo cansaço e pela frustração da busca não ter resultado em nada.

O outro grupo que foi para o Araés também retornou cabisbaixo. Paçoca, a gatinha tigrada que morava na garagem do Edifício Renoir, não tinha nenhuma informação sobre a carta perdida. Ela até consultou os pombos que viviam nos arredores do prédio, mas ninguém viu nadinha de nada.

Mas ainda havia esperança, Zelito e Anibal estavam nas imediações do Bairro Lixeira e Baú à procura de Orelha e sua gangue.

Orelha era um cachorro bem grande, com pelo curto preto e marrom. Talvez, em sua genética houvesse um pouco de pastor alemão misturado com outras raças, resultando em um belo e imponente vira-lata.

— Meu amigo Zelito, o que faz por essas bandas? – questionou Orelha, que estava acompanhado de seis ou sete cães errantes, que eram parte de seu bando.

— Meu bom amigo Orelha, lembra do Anibal? – Zelito apontou para o pombo correio em cima do muro. — Ele perdeu uma carta muitíssimo importante, estamos refazendo todo trajeto que ele percorreu nessa manhã para encontrar. Por acaso você ou seus companheiros viram alguma carta perdida por aí, no Baú ou na Lixeira?

Orelha questionou seu grupo, ordenou que se separassem e vasculhassem o bairro rapidamente em busca da carta, mas a estratégia também não resultou em nada.

Zelito e Anibal voltaram para o Beco, esperançosos de que os demais amigos tivessem tido êxito em suas buscas.

No final da tarde, estavam de volta ao pé do ipê no jardim do casarão.

— E então pessoal, alguém encontrou a carta? – perguntou Anibal aflito. Todos se entreolharam e ninguém se manifestou.

— Que, que é esse? O que vou dizer pro Nhô Dito, perdi a carta do xô mano. Nunca perdi uma carta em toda minha vida, como foi acontecer essa tragédia? Vôte! – Anibal se lamentou.

Zelito se compadeceu e, com Peralta e Mequetrefe, decidiu acompanhar Anibal até a oficina para dar a notícia para Nhô Dito.

A oficina estava fechada, mas Nhô Dito morava nos fundos. Em cima do muro do corredor que levava até a casa estava Pereba, espantado com a visita inusitada dos amigos, questionou:

— Oi pessoal, que visita inesperada! Aconteceu alguma coisa?

— Precisamos falar com Nhô Dito, você pode chamar o seu tutor?

— Claro! – respondeu Pereba. — Ele está na sala com uma visita, mas vou avisar que vocês estão aqui, um minutinho... – e desceu cuidadosamente do muro seguindo até a casa, voltando todo serelepe, logo em seguida, na companhia de Nhô Dito.

— Êh ahh! Que *futxicaiada* é essa aqui? – Nhô dito perguntou sorrindo.

Zelito olhou firme para Anibal assentindo com a cabeça para que ele começasse a falar.

— Afff Nhô Dito, eu perdi sua carta nessa manhã, procuramos por tudo e nada... nunca perdi uma carta em toda minha vida, me perdoe! – o pombo baixou a cabeça envergonhado.

— Expia lá, para de moage! Você tá variando das ideia, xô mano? Você entregou essa carta hoje cedo, logo que chegou. Era da Professora Geisa, que queria avisar que viria tomar *tchá com bolo* aqui em casa hoje de tarde. Ela até já está aqui e vocês estão convidados a se juntar a nós para compensar todo o esforço em busca da carta que nunca se perdeu!

Os bichanos riram e ficaram muito felizes com o convite e, principalmente, aliviados porque a carta nunca se perdeu.

— Veja meu caro Anibal, pense pelo lado bom, você nunca perdeu nenhuma carta, só a memória. – disse Zelito zoando do amigo.

Os animais riram da piada de Zelito e apreciaram um maravilhoso *tchá com bolo* bem cuiabano. Houve até uma apresentação cultural comemorativa que ficou por conta das pombas, que dançaram o Siriri lindamente. no lugar dos vestidos rodados e coloridos que as dançarinas costumam erguer durante a dança, elas erguiam suas asas, balançando para lá e para cá ao ritmo contagiante do Siriri cuiabano que Nhô Dito colocou para tocar na vitrola. Aquela, sem dúvida, foi a melhor forma de terminar um dia de domingo na cidade verde.

CAPÍTULO V

O caso do fantasma do casarão



Em um dos quartos do casarão, no segundo andar, vivia uma gatinha cinza muito delicada e charmosa chamada Frida. Ela havia sido abandonada na frente do casarão, dentro de uma caixa de papelão, ainda filhote, junto com seu irmão, um gato amarelo e branco de pelos longos e desalinhados chamado, propositalmente, de Arrepiado. Como não lembravam da casa onde haviam nascido, acabaram ficando por ali e fizeram do quartinho no final do corredor do segundo andar, o seu lar.

Frida era tão encantadora que até mesmo Zelito foi fisgado pelo seu charme e, volta e meia, ele a convidava para um passeio e para dividir um pires de leite, normalmente oferecido por Dona Eulália que, quase sempre cuidava dos gatos do casarão.

Naquele dia, Zelito tinha se arrumado todo para convidar Frida para um demorado passeio no jardim, caprichou no banho de língua, esticou bem os bigodes e afiou as unhas com cuidado. Estava no corredor se dirigindo para o quarto onde viviam Frida e seu irmão e, estava quase chegando, quando foi surpreendido por Arrepiado que escapuliu pela fresta da porta muito apressado, com os olhos arregalados e mais arrepiado do que de costume, gritando aflito:

— Fique você aí, Frida! Eu não durmo mais uma noite nesse quarto mal-assombrado! – e saiu chispando como um raio, o irmão de Frida, do tal quarto.

Zelito teve que sair da frente para não ser atropelado por Arrepiado, que parecia apavorado.

Frida apareceu na porta balançando a cabeça desaprovando a atitude do irmão e dirigiu-se a Zelito:

— Gato medroso, nem parece meu irmão... – comentou Frida.

— O que assustou o Arrê (apelido do Arrepiado), Frida? nunca o vi tão agitado. – perguntou Zelito.

— É que nas últimas semanas tem acontecido algumas coisas estranhas aqui no quarto. De noite ouvimos barulhos vindos do teto e de trás das paredes. Além disso, algumas coisas no quarto tem desaparecido misteriosamente. – disse ela, desapontada.

— Bem, vim convidar você para um passeio, mas o dever me chama e esse parece ser um mistério para o gato detetive!

— Ah, obrigada Zelito! Ficarei muito feliz se puder nos ajudar, podemos comemorar depois dividindo um pires de leite... – respondeu ela toda charmosa.

Animado, Zelito chamou os amigos e reuniram-se na sala do primeiro andar.

— O que houve, Zelito? Por que nos chamou aqui? – perguntou Pereba curioso.

— TEM FANTASMA NO CASARÃO! – gritou Arrepiado, ainda apavorado.

— FANTASMA NO CASARÃO??? – gritaram todos em uma só voz, assustados.

— Eu não acredito em fantasmas... – manifestou-se Lady.

— Nem eu, mas há um mistério aqui para Zelito desvendar. – acrescentou Frida.

— Tchá por Deus, *sartei* de banda, dessa tô fora, xô mano! Eu não mexo com coisa de assombração, não! Ói aqui minhas penas tudo rupiada... – disse Anibal, voltando para pombal rapidinho e os outros pombos foram atrás.

— Pois, pode contar com a gente, Zelito! – disse Peralta. E ficaram ali, Peralta, Mequetrefe e Pereba, além dos gatos do casarão – menos Arrepiado, claro, que já tinha xispado fora há tempos.

— Vamos começar onde tudo começou. Você nos acompanha até o quarto, Frida? – perguntou Zelito. E ela, rapidamente, assentiu com a cabeça.

Chegando no quarto, havia um cama próxima da janela, um armário velho em uma parede e uma cômoda com espelho quebrado na parede oposta. Uma velha poltrona em um canto perto da porta e uma mesinha com um antigo abajur ao lado.

— Então, os ruídos costumam ocorrer durante a noite, como passos no teto ou por trás das paredes. Um dia, saímos para tomar sol no telhado e, quando voltamos, o abajur, aquele ali na mesinha ao lado da poltrona, estava no chão. – contou Frida.

Zelito anotava tudo em um caderninho.

— Mas, não parou por aí! Algumas coisas começaram a desaparecer misteriosamente, uma escova que ficava sobre a cômoda, um pedaço de pão que o Arrê trouxe pra mim, a ração que estava no pratinho embaixo da cama e até os óculos que uso para ler, que ficava na mesinha de cabeceira. – finalizou Frida.

Zelito continuava anotando, até que perguntou:

— Quando os pertences sumiram, tinha alguma janela ou porta aberta? – questionou ele.

— A janela estava aberta porque passamos por ela para chegarmos no telhado onde costumamos tomar sol. Mas, se alguém tivesse entrado por ali teríamos visto... e a porta está sempre fechada, é como se alguém tivesse atravessado a parede, mas isso é impossível, não é? – perguntou Frida.

— Não para um fantasma... – retrucou Peralta já se tremendo de medo.

— Eita, cachorro pongó, fantasma não existe! – Lady retrucou perdendo a paciência.

— Só tem um jeito de descobrir o que houve! Hoje vamos todos dormir aqui para ver o que acontece. – sugeriu Zelito.

Assim que a noite caiu, todos se acomodaram pelo chão do quarto. Lady e Frida ficaram com a cama. Pereba, por ser o mais velho, se acomodou na poltrona. Zelito e os irmãos deitaram no chão mesmo, junto com Peralta e Mequetrefe.

O relógio marcou 20, 21, 22, 23 horas... e os únicos barulhos que ouviam eram o ronco do Mequetrefe e os gemidos e tremidas de Peralta, que morria de medo de fantasma. Foi só quando o relógio bateu meia noite que um estrondo se ouviu por trás da parede e todos acordaram sobressaltados. Zelito fez sinal pedindo silêncio.

Após o estrondo começaram a ouvir uns ruídos como se alguém se movesse atrás das paredes. Migalha encostou o ouvido na parede perto da cama para ouvir melhor e questionou: — Será que são ratos?

— Os ratos foram embora do casarão com medo dos gatos há muito tempo, o único que sobrou foi o Bisteca que ficou morando no telhado. – explicou Mequetrefe.

Gatito procurou por algum lugar que desse acesso à parede, um buraco ou tábua solta, mas não encontrou nada.

— *Hummmm...* interessante, Frida, o que foi mesmo que sumiu do quarto por esses dias? – Zelito perguntou puxando o seu caderninho de notas e ele mesmo respondeu: — Uma escova, um óculos e um pedaço de pão, certo?

— Isso mesmo! – ela confirmou.

— Tenho um plano, amigos! Peralta e Mequetrefe, peçam algumas chipas para Dona Eulália quando amanhecer e um punhado de farinha. Amanhã à noite, deixaremos um prato com as chipas e espalharemos farinha ao redor do prato por todo o chão. Esse “fantasma” não vai resistir aos quitutes de Dona Eulália e, assim como nosso caro “Sr. Patitas” – e olhou para o Migalha –, ao se aproximar do prato, deixará a marca de suas pegadas na farinha e,

então, nós pegaremos essa “assombração” com a mão na massa! Na próxima noite, ficaremos do lado de fora, deixaremos o quarto vazio para que ele se sinta mais à vontade. – finalizou o Zelito.

E assim fizeram! O difícil foi convencer Migalha a não comer as chipas antes da “assombração”, guloso que ele é.

Na noite seguinte, preparada a armadilha, cada um foi para seu canto dormir. No outro dia, pela manhã, esse mistério estaria solucionado.

Durante a noite os gatos ouviram um assobio estranho vindo do corredor no segundo andar, seguido de uma bateção na janela.

— O que é isso, minha gente? – acordou Gatito, perguntando sobressaltado.

Peralta tremia mais que batedeira.

— É o fantasma... – disse ele.

— Não é fantasma nenhum, é o barulho do vento na janela que faz esse assobio e faz as janelas baterem. – Frida respondeu, tentando acalmar os ânimos.

Alguns ruídos e barulhos vindos do teto também foram ouvidos ao longo da noite, mas todos ficaram bem quietinhos para não afugentar o tal “fantasma”.

Quando os primeiros raios de sol invadiram os quartos do casarão, a bicharada correu para o quartinho no final do corredor para conferir se a armadilha tinha dado certo. Frida abriu a porta bem devagar e ficou espantada com o que viu, ou melhor, não viu.

— As chipas sumiram... – exclamou ela surpresa.

Todos olharam espantados, o prato estava vazio.

— Não sobrou nem uma migalha... – reclamou o Migalha desapontado.

— Não, não sobrou! Mas vejam só, tem marcas de pegadas na farinha e, até onde eu sei, fantasma não deixa marcas de pegadas. – respondeu Zelito.

— Que pegadas são essas? Parecem de uma mãozinha? – Mequetrefe perguntou intrigado.

Zelito puxou a lupa do bolso e foi olhar mais de perto. As pegadas na farinha pareciam pequenas mãos com cinco dedinhos. — Parecem "patas" de gente! – exclamou ele.

— Remela, traga o livro de biologia da biblioteca, aquele com capa verde com o título *Animais do Cerrado e do Pantanal*, por favor. – solicitou Zelito. Remela saiu xispando feito um raio e logo voltou trazendo o tal livro.

Zelito abriu o livro e foi folheando página por página lentamente, sob os olhares curiosos dos demais. O livro trazia ilustrações de animais do cerrado e do pantanal mato-grossense, em ordem alfabética. Ele folheou, folheou, folheou e parou na letra P, *Procyon cancrivorus*.

— Achei! O nosso "fantasma" é ninguém menos do que um *Mão-pelada*. – disse ele animado.

— Mas por onde ele entrou? – perguntou Frida.

Zelito seguiu as pegadas até o armário, abriu a porta e, no fundo, havia uma pequena passagem que atravessava o armário até dentro da parede. Os gatos entraram por ali e descobriram um corredor atrás da parede que levava até um amontoado de canos e fios velhos que davam acesso ao sótão da casa, escalaram os canos e chegaram lá.

— Não adianta se esconder, já sabemos que você vem assombrando a mansão. – gritou Gatito.

Aos poucos uma carinha mascarada surgiu timidamente atrás de umas caixas de madeira empilhadas, e depois outra, e mais quatro carinhas menores atrás de uma velha cortina.

Qual não foi o espanto de Zelito e seus amigos, ao constatar que não se tratava de um *Mão-pelada*, mas de uma família inteira vivendo ali, no sótão do casarão.

— Olá amigos, desculpem se assustamos vocês! Meu nome é Canela, esse é meu esposo Cravo e esses quatro pequenos são os Cravinhos e Canelinhas, nossos filhos. Nós não queríamos incomodar, apenas precisávamos conseguir alguma comida para alimentar nossos filhotes.

— Há quanto tempo estão vivendo aqui? – perguntou Frida.

— Há um mês. – respondeu Canela.

— Foram vocês que pegaram minha escova e o óculos? – questionou Frida.

— Sim, ficamos com receio de pedir e nos expulsarem... a escova, eu precisei para escovar a pelagem das crianças e o óculos, o Cravo pegou para poder ler o livro de histórias para elas. Ele não enxerga muito bem de perto, o óculos ajudou bastante. – respondeu Canela envergonhada.

— Nós não vamos expulsar vocês! Alguns de nós acharam que o casarão era mal-assombrado. – respondeu Zelito.

— Agradecemos, é muita gentileza de vocês, pois não temos para onde ir... – disse o senhor Cravo.

A partir daquele dia a família de *Mão-pelada* ficou amiga dos gatos do casarão e até dos cães e dos pombos. Viviam ali no sótão e, de vez em quando, Dona Eulália mandava umas chipas e uns biscoitos de polvilho para a criançada.

Arrepiado se convenceu de que não haviam fantasmas e voltou a dormir no quartinho. Frida e Zelito comemoraram dividindo um pires de leite e passeando juntinhos, conforme prometido por ela.

E esse foi mais um mistério desvendado pelo gato detetive e muitos ainda estavam por vir!

Zelito e seus amigos estariam preparados para viver novas aventuras no casarão do Beco do Candeeiro.



Do real ao imaginário

Este livro faz uma singela e divertida homenagem a ícones, personalidades, pratos, bairros e expressões cuiabanas.

Que a literatura possa contribuir para a preservação de uma cultura tão rica como a nossa cultura cuiabana.

Bairros de Cuiabá-MT: Araés, CPA, Morada do Ouro, Consil, Lixeira, Baú, Bosque da Saúde.

Beco do Candeeiro: o Beco existe, mas não igualzinho ao livro. Atualmente, foi restaurado e está localizado na rua 27 de dezembro, no Centro Histórico de Cuiabá-MT.

Casarão: é real mas não é abandonado e não fica no Beco do Candeeiro, o verdadeiro casarão está localizado no Bairro Araés.

Culinária: furrundú, bolo de arroz, chipa e biscoito de polvilho frito, são algumas iguarias da culinária cuiabana que podem ser apreciadas no cenário gastronômico da cidade.

Dona Eulália: homenagem in memoriam de Dona Eulália da Silva Soares, ícone da cuiabania, conhecida pela sua tradicional receita de bolo de arroz que até hoje é apreciado na empresa da família. Moradora do Bairro Lixeira, símbolo de acolhimento e tradição em nossa cidade, Dona Eulália faleceu em 2024, aos 90 anos.

Geisa: A "Professora Geisa" é uma personagem vivida pelo ator e comediante mato-grossense, Eduardo Butakka.

Nhô Dito: homenagem aos tantos maravilhosos "Beneditos" que se destacaram em Cuiabá: os artistas plásticos Benedito Nunes e Benedito Silva; o advogado e poeta Benedito Santana da Silva Freire (Silva Freire); o professor fundador da UFMT, Benedito Pedro Dorileu, "Xô Dito", personagem do ator e humorista Thyago Mourão, entre outros. Além disso, a cidade celebra o Santo Negro São Benedito, padroeiro dos cozinheiros e de grande importância cultural e religiosa para os cuiabanos.

Siriri: dança folclórica brasileira, especialmente do Mato Grosso, caracterizada por sua alegria e ritmo acelerado.

Glossário

Algumas expressões do Vocabulário Cuiabano:

Ah! Uuum – expressão de indignação.

Agora quando!? – Interjeição de espanto.

Bonito prô cê – quando atitude de alguém não foi boa.

Bocó de fivela – Pessoa boba.

Chá de Cuiaca: dar uma surra.

Disque – diz-se.

Ê aaah! – Indagação.

Espia lá – Olha lá.

Futxicaiaida – Muita fofoca

Moage – Enrolação.

Que que é esse? – O que é isso?

Sartei de banda – Tô fora.

Pongó – Pessoa boba.

Tchá por Deus – Expressão de espanto.

Vôte! – expressão de medo ou espanto.

Xô Mano – cumprimento a uma pessoa.

Xispada – Mandar embora.

Referência:

CUIABÁ. Prefeitura Municipal. Dicionário Cuiabano. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano>. Acesso em: 7 abr. 2026.

Sobre os personagens

Zelito: Zelito era o gato preto da poetisa, escritora e minha amiga, Divanize Carbonieri, infelizmente ele nos deixou em 2025 e esse livro foi uma homenagem ao saudoso Zelito da vida real.

Gatito: Gatito é meu frajola, foi encontrado ainda filhote escondido no motor do meu carro. Era para ter sido adotado, mas ninguém manifestou interesse e ele foi ficando, ficando... felizmente.

Frida: é uma gatinha cinza que quase foi atropelada na rotatória da UFMT. Foi resgatada, castrada e adotada por um tutor e hoje ela se chama Maya.

Migalha: o nome verdadeiro é Miyagi, é um dos meus tigrados com branco. Foi resgatado na UFMT, onde a mãe dele deu cria no feno dos cavalos da Equoterapia e, dessa ninhada, doei todos os seus irmãos e sobrou ele para mim.

Remela: o nome verdadeiro é Haru, meu outro tigrado com branco, também resgatado na UFMT, onde a mãe dele também deu cria no feno dos cavalos da Equoterapia e, dessa ninhada, também doei todos e ele também ficou para mim.

Lady: o nome verdadeiro é Pucca. Sua mãe deu cria na mesa de sinuca do meu prédio e minha filha a resgatou e adotou.

Pereba: o nome verdadeiro é Guri, foi resgatado na rua, muito magro, com sarna, fungo e sabe Deus mais o que... Ficou um mês em tratamento e, por sorte, a veterinária sou eu! Depois de recuperado também foi disponibilizado para adoção, mas... É meu!

Arrepiado: era o gato dos meus primos do Rio Grande do Sul, apelidado de Arrê.

Ponguinha (Guinha): era uma gata tigrada que eu tinha em Rio Grande, morreu há muitos anos, mas eu nunca esqueci e nunca deixei de amar, como todos os meus bichos que já se foram.

Amy, Garu e Hashi: não eram trigêmeos, mas eram meus gatos persas, os três já foram morar no céu há alguns anos.

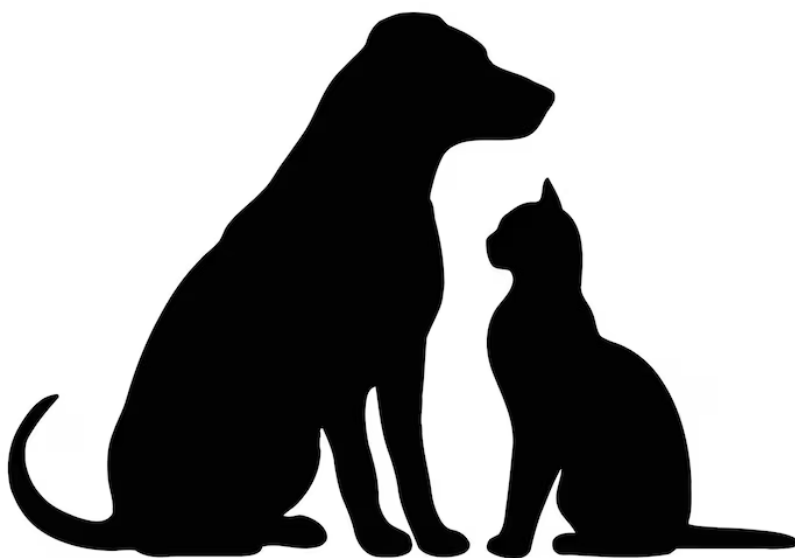
Paçoca: é uma gatinha tigrada que mora na garagem do meu prédio, mas ela não tem nome... Ou será que agora tem?

Obs.: Os cães **Peralta** e **Mequetrefe** não existem na vida real, mas são uma homenagem aos tantos vira-latas que temos por aí, que merecem todo nosso carinho, respeito, dedicação e cuidado. O cão **Orelha** existiu, mas foi brutalmente assassinado por adolescentes em Santa Catarina, em janeiro de 2026. Esta foi uma singela homenagem a esse cão comunitário e a tantos outros animais que sofrem, vítimas de maus-tratos e agressões.

MAUS-TRATOS A ANIMAIS É CRIME! **DENUNCIE! DISQUE: 190**

(Lei nº 9.605/1998 e Lei nº 14.064/2020)

Fonte: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/direitos-animais/maus-tratos-a-animais>



Sobre o livro



Lisiane Pereira de Jesus

A **autora** nasceu na cidade de Rio Grande-RS, em 8 de agosto de 1973, data em que se comemora o Dia Internacional do Gato. É graduada em Medicina Veterinária e Mestre em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Pelotas, RS. Veio para Cuiabá-MT em 1998, onde reside. Fez doutorado no Programa de Pós-Graduação em Agricultura Tropical (UFMT/2010) e Especialização em Equoterapia (UNB/2018). É docente do Curso de Zootecnia (UFMT) desde 2010 e atualmente é Pró-reitora de Cultura, Extensão e Vivência da UFMT (Gestão 2024-2028). É mãe biológica do Rafael e da Julia e mãe bichológica de Gatito, Guri, Haru e Miyagi (gatos).



Julia de Jesus Colvara

A **ilustradora**, nasceu em Cuiabá-MT, em 4 de agosto de 2003. Herdou da mãe (autora) o amor pelos felinos. Completou o ensino médio no Colégio São Gonçalo e atualmente cursa Medicina Veterinária na UFMT. É mãe bichológica da Pucca (gata).

David Castele

O **diagramador** nasceu em Sorocaba-SP, em 18 de julho de 1998. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Durante a graduação realizou mobilidade acadêmica ao Instituto Politécnico de Bragança (Portugal) para estudar Arte e Design durante 1 ano. Atualmente trabalha como servidor público federal como Técnico de Comunicação Visual na UFMT.



A história de Zelito, o gato detetive, faz uma singela e divertida homenagem a ícones, personalidades, pratos, bairros e expressões da cultura cuiabana.

Que a literatura possa contribuir para a preservação dessa cultura e a mantenha viva no imaginário dessa e das próximas gerações.

